



## EDITORIAL

### QUAL A UTILIDADE DO PENSAR?

Adriano Geraldo da Silva<sup>1</sup>

Os últimos anos têm sido marcados por uma onda social e cultural que exige de nós respostas e posicionamentos cada vez mais rápidos. A imagem da liquidez com a qual Bauman caracterizara nosso tempo tem se tornado tão intensa que quase não é possível sentir o chão firme sob os pés. Transformações rápidas, promovidas, em grande medida, pelo paradigma tecnológico e, sobretudo midiático, fez com que o aspecto contemplativo da vida se tornasse verdadeiro artigo de luxo, reservado a poucos. As redes sociais têm um papel importante na operação destas mudanças. Com um discurso reduzido, simplista, em muitos casos, o mundo virtual tornou-se um espaço formativo de opiniões e ideias que prescindem do pensamento refletido e ruminante. Ainda estamos profundamente afetados pela instabilidade deixada pela pandemia da COVID-19 (acontecimento que produzirá seus efeitos por longas décadas em vários campos da vida humana, sobretudo na educação); discursamos e nos movemos em um solo acidentado no campo da política; a religião, seguindo um movimento cada vez mais temeroso se refugia em formas do passado, evitando dialogar e anunciar de modo eficaz sua mensagem; as relações são estremecidas pela ditadura da imagem ideal propagada pelas mídias digitais. São inúmeras as transformações e, ao mesmo tempo, as causas de uma sensação quase generalizada de que não há nada firme e seguro, e que a vida tornou-se um mar de possibilidades, cujos ventos da instabilidade nos ameaçam em todas as esferas da vida humana.

Nos últimos anos nosso conhecimento sobre o mundo, a história e as pessoas foi deveras abalado por eventos como o radicalismo político, o negacionismo da ciência, o desprezo ao conhecimento, um verdadeiro movimento anti-intelectual, movido sobretudo pela falta de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela UNICAMP. Mestre em Filosofia pela UNIFESP. Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. Professor e coordenador do curso de Filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre. Professor do Instituto Filosófico São José da Diocese da Campanha e editor responsável da revista *Ratio Integralis*.

informação, ou pelas informações falsas ou ainda pelas informações convenientes produzidas pelas mídias e redes sociais. Não obstante o crescimento da pobreza, da miséria de nosso povo, que também acompanhamos boquiabertos, o crescimento da indiferença, do desprezo pelo outro e do fechamento em bolhas individuais que nos isolam do restante do mundo. Diante deste cenário é muito oportuno, uma vez mais, fazermos as clássicas perguntas: para que Filosofia? Para que as humanidades? Para que o pensamento? É ainda necessária a contemplação e a reflexão? Qual o papel do estudante e do pesquisador das humanidades, da Filosofia, sobretudo, na sociedade das mídias, do desempenho, da ciência, do pragmatismo? É válido ainda se demorar na longa tarefa do pensamento numa sociedade que exige a reação cada vez mais rápida?

Longe de querer dar uma resposta conclusiva a tais questões, o que trairia o espírito da Filosofia e das humanidades, em geral, gostaria de remontar à célebre frase de Nietzsche, que afirma que “o filósofo se esforça por compreender o que seus contemporâneos se contentam em viver”. Talvez aí resida o que de mais importante tenha a Filosofia a oferecer ao mundo de hoje: a consciência de si, de seu entorno, de sua vida e de seus contemporâneos. Neste sentido é que a inscrição do oráculo de Delfos, o “conhece-te a ti mesmo”, colocada na boca de Sócrates, adquire o sentido de um percurso interior que não se fecha ao exterior, mas o agrega em si numa compreensão global do movimento do mundo e da vida. Certamente este é o verdadeiro significado de Filosofia: um amor, um encantamento pelo conhecimento, que ultrapassa as barreiras do óbvio em direção a novos horizontes. Com este mesmo espírito Aristóteles declara que a Filosofia é a ciência mais sublime de todas. Poderíamos ainda fazer ecoar as palavras de Gilles Deleuze sobre a Filosofia: “a filosofia não serve nem ao Estado, nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixaza do pensamento sob todas as suas formas”.

A Filosofia deve tornar-nos ousados, corajosos, dispostos a percorrer caminhos não percorridos e a fazer acordar aqueles que dormem na penumbra de nosso tempo. Justamente por isso a Filosofia deve fazer-nos navegar na contracorrente do atual paradigma de pensamento e ação, cuja ditadura do agora não permite uma reflexão (ação refletida) mas uma imediata reação (agir em seguida, em resposta, sem nada considerar a não ser o impulso). Esta foi e será sempre a tarefa do filósofo, diante das inquietações que o mundo lhe dá constantemente. Em todas as épocas a Filosofia sempre foi produzida com esta delicadeza, com a qual procura

responder as questões do seu tempo, mas sem perder de vista a “demora” do pensar, o caminho exaustivo, porém fundamental e necessário para refletir os sistemas de pensamento e as estruturas de vida vigentes então.

À pergunta que dá título ao texto poderíamos dizer: o pensar, e entenda-se aqui não somente a Filosofia, mas as humanidades, em geral, na sua inutilidade, de acordo com os ditames próprios do pensamento produtivista, é útil justamente por navegar contra a corrente da sociedade contemporânea, profundamente marcada pelo senso de produção, de extração, de exploração e intervenção, indicando como luz possível para o viver no século XXI o pensamento contemplativo, que não se fecha num mundo ideal, as que contempla antes de agir, provocando uma verdadeira reflexão ao invés de uma simples reação. Um outro horizonte é possível, esta é e deve ser a bandeira levantada pela Filosofia e pelas humanidades, um outro mundo, uma outra sociedade, um outro ser humano, sempre são possíveis. Para finalizar, poderíamos evocar a epígrafe que Nietzsche colocou no início de sua obra *Aurora*, que originalmente se encontra no *Rig Veda*: “existem ainda muitas auroras que não luziram!”, e esta é a tarefa do pensamento, abrir horizontes, pensar além, romper barreiras, enfim, fazer luzir todas estas auroras.